

# Excursão sobre a Criação da Vida e a Diversidade Biológica (Parte 2): A Interpretação Literal

Seção 09 / Aula 02

Autor: William Lane Craig

Publicado no YouTube: 08/03/2026, 10:00:06 (horário de São Paulo)

Aula original: December 19, 2018

[Assistir à aula no YouTube](#)

[Acessar o Curso Defensores - Seção 09](#)

Transcrição conforme a legenda em português do vídeo. Revisão: 22/10/2026.

## Aula e desenvolvimento

Da última vez começamos nosso excursão sobre a doutrina da criação e a origem da vida e diversidade biológica. Estamos olhando para Gênesis, capítulo 1, com a intenção de entender as várias interpretações de Gênesis 1 que foram oferecidas. A primeira interpretação que queremos considerar é a interpretação mais direta de Gênesis 1 – o que poderíamos chamar de interpretação literal (às vezes chamada de interpretação do dia de 24 horas). Por exemplo, meu mentor de doutorado, o grande teólogo sistemático Wolfhart Pannenberg, cita o eminente alemão, estudioso do Antigo Testamento, Gerhard von Rad em apoio ao caráter científico de Gênesis, capítulo 1. Pannenberg argumenta que, primitivo como possa ser, no entanto a intenção de Gênesis 1 é dar um relato científico das origens do mundo e da vida.

Isto é o que von Rad tem a dizer em sua Teologia do Antigo Testamento. Ah, e antes de eu ler a citação de von Rad, uma palavra de contexto será útil para entender o que ele tem a dizer. Estudiosos do Antigo Testamento identificaram um número de fontes hipotéticas por trás do Pentateuco. Uma destas é o chamado documento P, uma fonte escrita hipotética que supostamente foi escrita a partir de uma perspectiva sacerdotal; isto é, a perspectiva de alguém envolvido nos sacrifícios levíticos que são descritos no livro de Levítico. Gênesis 1:1 a 2:3 é usualmente identificado como baseado nesta fonte P hipotética. Von Rad se referirá a este documento sacerdotal, e então é disso que ele está falando quando ele diz o seguinte: "Este relato da Criação está, é claro, completamente ligado ao conhecimento cosmológico de seu tempo.

Mas é uma coisa ruim para o expositor cristão desconsiderar completamente este último como obsoleto, como se o teólogo tivesse apenas que lidar com a fé expressa em Gênesis 1 e não com sua visão da natureza. Pois não pode haver dúvida de que a história da Criação no Documento Sacerdotal procura transmitir não meramente conhecimento teológico, mas também científico. É caracterizada pelo fato, que é difícil para nós entender, que aqui conhecimento teológico e científico estão de acordo, sem tensão entre eles. Os dois conjuntos de afirmações não são apenas paralelos, mas são entrelaçados de tal maneira que realmente não se pode dizer de qualquer parte de Gênesis 1 que esta afirmação particular é puramente científica (e portanto sem importância para nós) enquanto aquela é puramente teológica.

Nas ideias científicas da época a teologia tinha encontrado um instrumento que lhe convinha perfeitamente, e do qual ela podia fazer uso para o desdobramento apropriado de certos assuntos – neste caso a doutrina da Criação." Assim, Pannenberg pensa que tal ciência

primitiva agora foi ultrapassada pela ciência moderna, e portanto ela precisa ser corrigida. Mas Pannenberg encontra motivação na abordagem do autor bíblico de tentar integrar teologia com uma visão científica do mundo. A ciência do autor P agora está obsoleta e não mais válida, mas no entanto seu projeto de tentar integrar teologia com ciência é digno, e nós deveríamos seguir seu exemplo em tentar integrar teologia com a ciência de nosso dia.

## O sentido da interpretação literal

Similarmente, criacionistas de terra jovem tomam o objetivo de Gênesis, capítulo 1, como sendo comunicar informação científica sobre a origem do mundo e humanidade. A diferença entre criacionistas de terra jovem e teólogos como von Rad e Pannenberg é que os criacionistas de terra jovem tomam o relato como sendo preciso. Deus criou o mundo em seis dias consecutivos de 24 horas cerca de dez a vinte mil anos atrás. Esta interpretação lê o texto de um modo *prima facie*. Isto é dizer, ela toma o texto pelo valor de face; ela toma o texto literalmente para dizer o que ele diz. Isto levanta a questão quanto ao que queremos dizer por “literal?” Por literal, eu quero dizer que não é para ser tomado figurativamente.

O criacionista de terra jovem, Jonathan Sarfati, em seu comentário sobre Gênesis 1 a 11 diz que criacionistas de terra jovem estão perfeitamente preparados para reconhecer metáforas e outras figuras de linguagem em Gênesis 1 a 11. Por exemplo, quando a narrativa do dilúvio diz que as janelas do céu foram abertas, eles não imaginam que isto significa que há janelas literais no firmamento. Em vez disso, eles reconhecem que isto é uma metáfora para chuva. Então por “literal” Sarfati quer dizer meramente o significado gramático-histórico do texto o qual não exclui linguagem figurativa.

## Narrativa, história e gênero literário

O problema com a caracterização de Sarfati é que ela ignora gênero e é tão geral a ponto de ser quase inútil. Até mesmo poesia deveria ser interpretada literalmente nesse sentido, a saber o sentido gramático-histórico. O que queremos saber é se Gênesis 1 a 11 é para ser lido como um relato literal do que realmente aconteceu. Sarfati defende de fato uma interpretação não-figurativa de Gênesis 1 a 11 com base em que ele é do gênero de história. Ele identifica o gênero de Gênesis 1 a 11 como história. Agora estamos chegando a algum lugar. O capítulo chave no comentário de Sarfati justificando sua visão de que Gênesis 1 a 11 pertenciam ao gênero de história é o capítulo 2 intitulado “Gênesis é História, Não Poesia ou Alegoria.” Imediatamente nota-se uma faixa insuficiente de alternativas.

Nós podemos todos concordar que Gênesis 1 a 11 não é nem poesia nem alegoria. Estes capítulos são prosa narrativa. Mas isso não implica que eles pertençam ao gênero de história. Sarfati tende a confundir prosa narrativa com história. Por exemplo, ele observa que os primeiros capítulos de Gênesis frequentemente usam uma construção em hebraico chamada o “waw-consecutivo.” Waw é a palavra hebraica para “e.” No waw-consecutivo você tem um verbo no tempo imperfeito. Isto é uma marca singular de uma narrativa sequencial. Uma narrativa tipicamente começa com um verbo no tempo perfeito, e então ela continua com verbos no tempo imperfeito. Aplicando isto a Gênesis 1, o primeiro verbo em Gênesis 1 é bara – criar. No princípio Deus criou. Isso está no perfeito.

Os verbos subsequentes estão no imperfeito, e isto é exatamente o que alguém esperaria, Sarfati diz, de uma narrativa histórica. Mas é também o que alguém esperaria de uma narrativa não-histórica. Mitos são narrativas assim como contos populares e lendas. Eles relatam uma história envolvendo uma sequência de eventos, mas eles não são narrativas históricas. Sarfati confunde estilo narrativo com narrativa histórica. Na seção de seu capítulo intitulada “Análise numérica do gênero literário de Gênesis,” ele cita um estudo estatístico das formas verbais em textos narrativos e poéticos. O estudo mostra que Gênesis 1:1 a 2:3 é estatisticamente classificado como narrativa com uma probabilidade de 0,9999 por cento.

A partir disso ele conclui, “Esta análise mostra que Gênesis é quase certamente narrativa histórica e não poesia.” Isto é um non-sequitur. Do fato de ser narrativa, não se segue que seja história; apenas que não é um poema. É prosa narrativa, mas não se segue que seja história. Sarfati prossegue perguntando: se Gênesis fosse história, como você esperaria que ele se parecesse? Ele diz que podemos responder isso a partir do estilo dos livros históricos incontestados no Antigo Testamento como Êxodo, Josué, Juízes, e Gênesis capítulos 12 a 50. Este argumento, contudo, sai pela culatra, pois tal comparação é precisamente o que leva estudiosos a diferenciar Gênesis 1 a 11 de tais narrativas históricas.

Por exemplo, o proeminente comentarista evangélico do Antigo Testamento, Gordon Wenham, observa que quando Gênesis 1 a 11 é comparado com Gênesis capítulos 12 a 50 uma diferença marcante emerge. Capítulos 1 a 11 estão cheios de paralelos com tradições do antigo Oriente Próximo de modo que parece como se Gênesis estivesse refletindo essas sagas orientais tanto positivamente quanto negativamente. Gênesis 12 a 50, por contraste, são bem diferentes, diz Wenham. Abraão e seus descendentes são a preocupação exclusiva destes capítulos, e não há sugestão de que as histórias patriarcais sejam adaptações de sagas orientais.

Hermann Gunkel, que foi um dos primeiros proponentes da visão de que Gênesis 1 a 11 tem um pano de fundo em mitos do antigo Oriente Próximo, em seu livro *As Lendas de Gênesis* (1901), contrastou os primeiros capítulos de Gênesis precisamente com os livros históricos do Antigo Testamento e ele observa, “Contraste estas narrativas com a escrita histórica israelita tal como a porção central do segundo livro de Samuel, a peça mais requintada de escrita histórica antiga em Israel.” O erro de Sarfati pode ser que ele restringe sua análise de gênero literário a gramática e estilo. Esses são os dois elementos que ele considera em determinar gênero – gramática e estilo. Mas nós também devemos levar em conta a função de um texto literário na cultura na qual ele foi relatado.

Esta é precisamente a tese central do novo livro do estudioso do Antigo Testamento John Collins, *Lendo Gênesis Bem*, o qual eu altamente recomendo a qualquer um interessado neste assunto. A crítica de Collins daqueles que insistem no que é chamado o “significado simples do texto” o qual ignora função aplica diretamente à análise de Sarfati. A questão é se o texto é do tipo que pretende que o leitor o tome literalmente. Von Rad não dá evidência alguma para sua visão de que Gênesis 1 é ciência primitiva. Ele simplesmente a afirma.

## História, simbolismo e linguagem figurativa

Claramente capítulos de Gênesis 1 a 3 pretendem ser históricos em algum nível pelo menos. Adão e Eva, por exemplo, são apresentados nos capítulos 2 e 3 como o primeiro casal da raça humana – os progenitores da raça humana inteira. Adão e Eva são tratados como indivíduos históricos, não apenas símbolos da humanidade mas como pessoas reais que estão conectadas a descendentes pelas genealogias em Gênesis 1 a 11 e finalmente a figuras históricas incontestáveis como Abraão. E não devemos ignorar, afinal, a figura central de Gênesis 1 a 11, a saber o próprio Deus. Deus claramente não é pretendido ser apenas um símbolo ou uma figura mitológica, mas um agente pessoal real que criou o mundo e a humanidade e então prossegue para chamar a nação de Israel para ser seu povo especial.

Então a figura central da narrativa de Gênesis é um indivíduo pessoal literal que é o criador do mundo e o Deus de Israel. Por outro lado, a narrativa de Gênesis é sem dúvida também pretendida ser simbólica ou metafórica em certos aspectos. Por exemplo, o nome Adão (o nome do primeiro homem) é justamente a palavra hebraica para homem. E Eva é interpretada pelo autor para significar a mãe de todos os viventes. Então Adão e Eva não são apenas indivíduos históricos, mas eles também representam a humanidade. Adão é, em um sentido, todo homem criado por Deus. Na história da criação que nós temos em Gênesis 2 nós claramente temos descrições metafóricas ou antropomórficas de Deus. Deus é descrito como andando no jardim e procurando por Adão e Eva e dizendo: “Onde você está?” E eles estão se escondendo de Deus, e Deus deve encontrá-los.

Ou, novamente, quando Deus cria o homem, diz que ele o molda do pó da terra e então soprou em suas narinas o fôlego de vida. Claramente isto não é pretendido ser um tipo de RCP literal que Deus realiza em Adão soprando em seu nariz. Então há também dispositivos literários e metafóricos que estão, plausivelmente, sendo usados nestes capítulos também. De fato, a narrativa inteira em Gênesis capítulo 1 é uma peça incrivelmente elaborada de literatura hebraica. Ela é realmente única. Como eu já disse, ela não é poesia. Ela não é um hino. Mas ela também não é apenas prosa direta. Collins a chama de prosa exaltada. É uma peça de escrita altamente estilizada com um certo paralelismo que é característico de poesia. Por exemplo, repete-se várias vezes “e Deus disse... e Deus fez... e assim foi” nos vários dias criativos. Nos vários dias criativos.

É um capítulo cuidadosamente estruturado estilisticamente que exibe um grande grau de polimento literário. Até mesmo o número das letras hebraicas em Gênesis 1 é cuidadosamente escolhido. Então isso não é apenas um simples relatório policial ou um relatório científico do que aconteceu. Portanto, a maioria dos exegetas evangélicos dirá que estas narrativas são pretendidas ser tomadas em um sentido que é tanto histórico quanto figurativo. Os eventos históricos subjacentes de fato aconteceram, mas no entanto a narrativa é contada em imagens poéticas ou fala figurativa que não deveria ser pressionada por precisão literal. Então Gênesis 1 parece ser um tipo de gênero histórico mas figurativo de escrita. Isto é dizer, ele cobre eventos históricos mas usando linguagem poética ou figurativa para descrevê-los.

Se isso estiver correto, então isso estaria fazendo exigências injustificadas ao texto para interpretá-lo literalmente; em particular seria injustificado pressionar a palavra hebraica *yom* para dia significar que o mundo foi criado em seis dias consecutivos de 24 horas.

## Perguntas e discussão

Vamos pausar aqui e perguntar se há algum comentário ou dúvida sobre o que foi dito.

Aluno: Apenas por razões contextuais, quando o senhor diz Gênesis não é uma prosa direta, o que isso significa?

Dr. Craig: Neste caso, o que eu quero dizer é que é altamente polido. Ele exhibe, por exemplo, este paralelismo e outras qualidades artísticas. Não é um poema. Não é poesia hebraica. Mas ele exhibe um pouco desse estilo de poesia como as linhas paralelas, a repetição, a estrutura, a numeração das letras. Muitos estudiosos apontaram a recorrência do número sete na narrativa, por exemplo, como sendo talvez teologicamente significativo ou múltiplos de sete. É uma peça de escrita altamente estilizada. Não é como um relatório policial por assim dizer.

Aluno: Ordinariamente, quando pensamos em algo sendo metafórico ou análogo a algo, há algo literal ao qual isso está sendo comparado. Eu não tenho certeza se isso... o senhor poderia comentar sobre isso não ser realmente o caso com Gênesis? Então, por exemplo, quando Deus chama o mar “o mar” e chama a Terra um nome, eu não imagino que há algum evento literal onde Deus está dando um nome próprio a algo ou algo que é análogo a isso.

Dr. Craig: Eu acho que isso seria um bom exemplo de linguagem figurativa. Deus, no começo do capítulo, é um transcendente ser além do universo que não é como as deidades antropomórficas dos vizinhos pagãos de Israel – estas deidades humanoides brincando umas com as outras e fazendo coisas físicas. Deus transcende o universo material inteiro e o traz à existência por sua palavra. Então nesse sentido Deus não tem cordas vocais de modo a falar e dizer, eu vou chamar isto Terra, ou eu vou chamar isto dia. Isto é claramente, eu acho, como o senhor diz, uma linguagem figurativa aplicada a Deus. Além disso, não há razão para pensar que Deus falaria hebraico. A narrativa é contada na língua do autor que está escrevendo, e nós a lemos na língua de nossas Bíblias em inglês. Mas o próprio Deus não fala hebraico, eu acho que podemos presumir.

De fato, Collins apontou para mim em uma conferência recente que há certos tipos de anacronismos em Gênesis 1 a 11 que também mostram seu caráter não-literal. Um exemplo disto seria quando Adão é apresentado com Eva como a ajudadora que é adequada para ele, ele exclama: "Isto agora é osso do meu osso e carne da minha carne. Ela será chamada mulher porque ela foi tirada do homem." As palavras hebraicas ali para “homem” e “mulher” (ish e isha) de fato não existiam antes do tempo da monarquia. Isto é um desenvolvimento linguístico em hebraico por volta de 1000 a.C. ou algo assim. Então Adão, na história primeva, não poderia ter feito este trocadilho porque isso não existia. É um anacronismo na linguagem do autor.

Então eu acho que estas narrativas estão fazendo pontos teológicos profundos para nós entendermos, como, por exemplo, o valor igual de homem e mulher diante de Deus, o fato de que as estrelas e o sol e a lua não são deidades astrais para serem adoradas, elas são meras criaturas feitas por Deus. Seres humanos são feitos para conhecer Deus e para ter comunhão com ele. Eles não são criados (como em mitos babilônicos) como escravos para fazer o trabalho pesado dos deuses e alimentar os deuses. Estas histórias hebraicas, mesmo tomadas figurativamente, são tão diferentes destes grosseiros e frequentemente vis mitos politeístas da antiga Mesopotâmia e Egito. Então elas podem fazer estes pontos teológicos, eu acho, independentemente de interpretar muito da narrativa literalmente.

Aluno: Apenas um pequeno detalhe divertido, na língua hebraica eu lembro como Adão (adam) é feito da terra, do solo, da terra. A palavra hebraica (uma delas) para terra e o solo é adamah. Então Adão de adamah.

Dr. Craig: Sim, muito bom. O que ele aponta é que o próprio nome “Adão” se assemelha à palavra hebraica para “terra,” adamah. Adão é criado do pó da terra, e há um tipo de trocadilho ali também no nome de Adão. Há novamente um tipo de significado simbólico ali. Não é apenas uma narrativa direta que Adão foi feito de terra.

Aluno: Na semana passada estávamos falando sobre o autor de Gênesis. Eu acho que isto é uma continuação relevante. Do meu entendimento da história chinesa que é longa, o modo como história é capturada é muitas, muitas revisões. No começo, talvez pessoas comuniquem amarrando nós na corda e então elas começam a desenhar figuras. Mas a ideia é preservada. Deus é capaz de mover pessoas a se importar com certas coisas que elas querem preservar. Há o antigo Livro das Mudanças (I Ching) que foi revisado muitas, muitas vezes. Confúcio fez a última revisão. Então eu imagino talvez Gênesis também seja como coisas são importantes que pessoas encontram um modo de preservar e então Deus pode mover pessoas a meio que obter um pouco mais de revisão com mais entendimento conforme ele revelou mais a elas. Eu queria ouvir sua opinião sobre isto.

Dr. Craig: Eu acho que o que você está dizendo é certamente plausível. Eu ainda não estou oferecendo uma crítica da interpretação literalista ou endossando uma interpretação diferente, mas apenas tentando dizer que há uma faixa de alternativas aqui. Eu acho que o que você disse é muito plausível, e nós falaremos mais sobre isso quando chegarmos a outras interpretações não-literais. Apenas esta semana eu estava lendo sobre mitologia chinesa, e isto é uma área que, para ocidentais, é ainda muito subexplorada e mais trabalho precisa ser feito sobre o tipo de histórias comparativas que se tem no antigo Oriente Próximo e aquelas que estão existindo na China.

Aluno: Eu tenho certeza que o senhor está familiarizado com o trabalho de John Walton em Wheaton. Eu tenho lido muito do trabalho dele ultimamente. É interessante que uma das teorias dele é que Gênesis é, claro, história, mas que também é uma alegoria de Deus estabelecendo a terra como um templo – que ele a estabelece como o Jardim do Éden como seu lugar de habitação, há os seis dias de trabalho e um dia de descanso, e que a Terra e o universo são seu templo. Ele também fala sobre aquele verbo bara. Claro, em hebraico cada palavra tem muito mais trabalho do que verbos em inglês fazem, mas ele fala sobre isso como sendo algo onde Deus está mais ordenando e definindo e nomeando e colocando coisas em seus papéis. Então quando ele descansa no sétimo dia, o descanso não é realmente ele relaxando em uma rede e descansando na praia.

É mais como aquela paz que nós obtemos quando tudo está como deveria estar. Eu me pergunto qual é sua opinião de Walton.

Dr. Craig: Nós estaremos falando sobre a chamada interpretação funcional de Walton de Gênesis capítulo 1. Então segure nisso até mais tarde. Quanto ao motivo do templo, embora eu tenda a ser bastante cético sobre isto, há um bom número de estudiosos incluindo Wenham que de fato acham que o Jardim do Éden é pretendido ser um tipo de símbolo de um santuário no qual Deus teria comunhão com homem e mulher neste estado pristino, e eles tinham que ser, é

claro, expulsos dele após sua queda. Então isso seria um elemento não literal adicional na narrativa, se você aceitasse isso. Com isso nós encerraremos hoje. Nós retomaremos esta discussão quando voltarmos em janeiro.

## Oração final

Oremos: Pai somos tão gratos por essa oportunidade de nos reunirmos como classe e explorar essas perguntas profundas e importantes, e glorificamos Seu nome por tudo que está provendo, temos tanto, tanta abundância. Obrigado Senhor, de verdade, Em nome de Jesus nós oramos. Amém.

## Referências

RAD, Gerhard von. Old Testament Theology. v. 1. Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2001, p. 148. Referência indicada na nota 1 do original.

GUNKEL, Hermann. The Legends of Genesis. 1901. Obra citada na discussão de gênero.

COLLINS, C. John. Reading Genesis Well: Navigating History, Poetry, Science, and Truth in Genesis 1-11. Grand Rapids: Zondervan, 2018.

SARFATI, Jonathan. Comentário sobre Gênesis 1-11, capítulo 2, "Genesis is History, Not Poetry or Allegory". Título completo e edição não especificados no corpo da aula.

## Créditos e fontes

Autoria: William Lane Craig. Publicação original: Reasonable Faith.

Conteúdo original: © 2018 William Lane Craig.

Tradução e edição em português: Fé Razoável. Revisão: 22/10/2026.

Fonte original: <https://www.reasonablefaith.org/podcasts/defenders-podcast-series-3/excursus-on-creation-of-life-and-biological-diversity/excursus-on-creation-of-life-and-biological-diversity-part-2/>

Aula em português: <https://ferazoavel.com.br/defensores-criacao-vida-diversidade-biologica-parte-2/>